

RESENHA

Rafael Eugenio HOYOS-ANDRADE*

NEDJAR, Bahamani. *Grammaire fonctionnelle de l'arabe du Coran*. Karlsruhe (RFA), Bahmani Nedjar, 1988, 4 volumes, 1842 p.

1. Por recomendação muito honrosa de André Martinet, como consta em carta (15/08/88) de Nedjar Bahamani ao autor desta resenha, assumimos, não sem hesitação, a pouco fácil tarefa de resenhar a volumosa obra em epígrafe, tese de “Doutorado de Estado” defendida na Sorbonne em 13 de março de 1986 e aprovada com a nota máxima de *très honorable*.

A nossa hesitação prende-se, sobretudo, ao fato de desconhecermos a língua árabe. Isso faz, é óbvio, que a resenha se refira fundamentalmente a metodologia e ao quadro teórico referencial da obra, o funcionalismo de Martinet, e não à descrição nela feita da língua do Alcorão.

2. A tese publicada divide-se em quatro volumes, sendo que os dois primeiros referem-se ao *Inventário* das unidades significativas, o terceiro à *Sintaxe* e o último à *Sintemática*.

2. 1. Nos dois primeiros volumes, a apresentação das classes significativas, o A. segue de perto o modelo preconizado por Martinet na sua *Grammaire Fonctionnelle du Français*, a saber: para cada classe de unidades, comprovadas a partir das suas compatibilidades (capacidade combinatória), se identificam as unidades, se apresentam as variantes de significante (livres e/ou combinatórias) das mesmas (*morfologia*), e os valores lingüísticos (*axiologia*).

Convém destacar aqui que o primeiro volume vem enriquecido por dois capítulos de grande pertinência e importância: o prefácio (*Avant-propos*) em que o A. explica o porquê da sua empreitada, o método utilizado (a saber, análise dos dados e apresentação pedagógica dos resultados da mesma) e um “Bilan” muito oportuno em que se antecipam as conclusões do trabalho. Na introdução, o professor Bahamani faz a apresentação da tese, justificando com solidez e convicção as razões de ser da tese que são basicamente estas duas: 1^a) a importância lingüística do Alcorão em todo o

mundo árabe e, 2ª) a reconhecida deficiência da gramática árabe tradicional ainda em vigor; eis as próprias palavras do A. a este respeito:

“Or, la grammaire arabe traditionnelle, actuellement en usage a tous les niveaux scolaires, est rebutante et décourageante. Elle est prescriptive et non descriptive. Elle fait appel à des notions philosophiques...” (p. 28)

Também na introdução fornecem-se preciosas informações sobre os contextos cultural, social, religioso e geográfico do *corpus* e sobre o sistema de notação fonológica utilizado. Acrescenta, igualmente, um excelente apanhado das definições dos termos funcionalistas mais importantes para a compreensão da obra e, finalmente, “algumas características específicas do árabe alcorânico”.

2. 2. O volume nº 3, dedicado a *Sintaxe*, abrange duas grandes partes: 1ª) O enunciado mínimo e a função atualizadora de predicados e predicativos. 2ª) As funções diferentes das de atualizar predicados, ou seja, as expansões do enunciado mínimo; aqui se classificam e se estudam as outras relações gramaticais que se encontram na língua do Alcorão, segundo o modelo martinético.

2. 3. O volume quarto divide-se em duas partes: a primeira refere-se à *Sintemática*, ou seja, àquela parte da gramática funcional que lida, entre outras combinações de monemas, com as que tradicionalmente se chamam “compostos e derivados”. A segunda parte destina-se a estudar os acidentes fonéticos e morfológicos, noutros termos, as eventuais alterações fônicas e/ou formais que se produzem pelo contato entre monemas intimamente combinados.

Com relação a este volume, faremos aqui uma primeira pergunta ou observação: já que o A. reservou todo um volume à *Sintemática*, por que não deixou também para este volume os problemas da mesma natureza que afetam os *numerais* e que ele aborda entre as p. 127 e 137 do primeiro volume (números 2.63 a 2.79), também sob o nome de *Sintemática*? Esta quebra aparente de sistematicidade mereceria, a meu ver, pelo menos uma explicação no seu devido lugar. Segundo doutrina de Denise François, inspirada sem dúvida no próprio Martinet, o autor de uma gramática funcional de uma determinada língua ou variedade lingüística é livre para abordar os sistemas (complexos de monemas que se comportam como monemas simples) seja num capítulo (ou volume) à parte, seja dentro do *Inventário* das classes de unidades significativas. O professor Nedjar Bahamani estuda a sintemática dos numerais como parte do *Inventário*, mas reserva a sintemática de outras classes significativas para um volume à parte. Por quê?

Permitimo-nos questionar também o fato de o A. colocar a *Sintemática* aparentemente em pé de igualdade com o *Inventário* e a *Sintaxe* (1.9) quando, na realidade, a *Sintemática* reduz-se a um aspecto da apresentação das unidades significativas, ou seja, a uma parte do *Inventário*.

3. O que mais impressiona, sem dúvida, na obra do professor Bahamani, é o esforço por ser claro e exaustivo. A clareza aparece testemunhada na apresentação impecável dos quatro volumes, na organização do conteúdo de cada volume, na nitidez das idéias desenvolvidas, tanto no prefácio quanto na introdução e, dentro desta última, na exatidão com que sintetiza o pensamento de Martinet. A exaustividade consta não só do tamanho da obra mas, especialmente, da variedade de unidades e funções levantadas nos lugares pertinentes. Trata-se, na verdade, de uma gramática completíssima com a qual esperamos, do mesmo modo que o A., que o árabe literário se veja, finalmente, provido “de uma gramática verdadeiramente racional... definitivamente livre das incoerências que caracterizam a gramática árabe tradicional” (1.4).

4. A certeza de que isto venha a acontecer (se a *Gramática Funcional* em estudo conseguir, no mundo árabe, a divulgação que merece) apóia-se na solidez da sua doutrina que não é outra senão a solidez do próprio funcionalismo que já deu brilhantes provas de sua racionalidade, equilíbrio e bom senso nas diferentes gramáticas publicadas, a começar pela *Grammaire Fonctionnelle du Français* do próprio Martinet. Foi justamente esta gramática que inspirou o trabalho do nosso autor. Eis as palavras (em tradução nossa) com que ele começa a sua tese (1.1):

“a publicação por Didier, em 1979, sob a direção de André Martinet, da “Grammaire Fonctionnelle du Français” foi para mim uma revelação. Senti-me literalmente deslumbrado pelas noções funcionalistas tão pertinentes de significante descontínuo e de amálgama, assim como pelas noções tão sensatas de predicado – centro do enunciado –, de sujeito – expansão obrigatória do verbo, etc... etc...”

“Então entendi todo o proveito que se podia obter da aplicação dos princípios da teoria funcional de André Martinet à descrição do árabe literário – língua atualmente ensinada, em todos os níveis escolares, de um a outro extremo do mundo árabe, desde o Golfo até o Oceano, e cujo modelo ideal é o árabe do Alcorão”.

6. Não temos, portanto, dúvidas de que esta *Gramática Funcional do Árabe do Alcorão* virá solucionar o grave problema com que o ensino do árabe se defronta por ter carecido até agora de um quadro referencial lingüístico aceitável. Impressionam profundamente as palavras do escritor egípcio Taha Husayn, citadas pelo autor, e que traduzimos a seguir:

“O estudante que assiste à aula e escuta com atenção as lições do professor sobre sintaxe, morfologia e retórica da língua árabe, somente aprende uma coisa desse mestre e de seus ensinamentos: a aversão a esse mestre, a aversão à língua árabe e a fuga para qualquer outra atividade que possa distraí-lo e fazer-lhe esquecer essa dura provação” (1.52).

“Em sala de aula, os alunos nada detestam mais do que as lições sobre a língua árabe” (1.53).

“Sei por experiência que os nossos estudantes aprendem o inglês e o francês muito mais rapidamente do que o árabe” (1.53).

Nesse contexto é, pois, sem dúvida, bem-vinda uma gramática “coerente e harmoniosa, límpida e atraente, um jogo de crianças, um prazer para o espírito” (1.62), utilizando as próprias palavras de Bahamani com relação ao que ele espera do seu texto. Este desabafo do A. figura no texto depois das *razões pelas quais ele se decidiu a escolher o funcionalismo* como quadro teórico referencial de sua gramática. Vale a pena reproduzi-las:

- 1º) “porque ele se tem revelado extremamente frutuoso na descrição das línguas e tem assim demonstrado o seu valor,
- 2º) porque a gramática funcional é descritiva e não prescritiva e a gramática árabe tem sofrido muito até hoje por causa da tirania das gramáticas normativas,
- 3º) porque a competência e o desempenho do gerativismo não nos parecem infalíveis, não faltava mais!
- 4º) porque no funcionalismo, os únicos universais da linguagem são aqueles que estão implicados na definição que se dá de uma língua, a saber: “instrumento de comunicação duplamente articulado e de natureza vocal”. De resto, a teoria funcional permite deduzir a especificidade de cada língua “especificidade que, dirá Martinet, escapa certamente a quem quiser abordar a descrição lingüística com preconceitos universalistas”,
- 5º) porque os modelos distribucionalista e gerativista já demonstraram a sua incapacidade para dar conta do fenômeno dos monemas descontínuos tão numerosos em árabe.
- 6º) porque os conceitos de significante descontínuo e de amálgama são de um grande alcance pedagógico” (1.57).

6. Ficamos particularmente satisfeitos pelo fato de que, nesta nova gramática do árabe, se faça um uso tão adequado dos princípios funcionalistas básicos como os que se referem à existência de *significantes descontínuos* (1.14); à conveniência de *eliminar monemas* do tipo “singular”, “indicativo”, “presente”, “voz ativa”, naquelas línguas em que esses rótulos careçam de existência lingüística, por não serem fruto de uma escolha específica por parte do falante (1.15); à noção lingüística de *sujeito* como “uma adição obrigatória ao verbo”, reabilitando ou introduzindo assim uma noção que, segundo Henri Fleish, citado pelo autor, seria desconhecida entre os gramáticos árabes até o ponto de esta noção “não ter nome na nomenclatura deles” e carecer de nome até hoje na gramática árabe (1.22); à consideração de que o *gênero* em determinadas línguas (como o francês e o árabe) não é uma unidade significativa ou monema, mas uma característica inerente aos nomes *car el ne fait l'objet d'aucun choix de la part du locuteur* (2.18).

7. O A. poderia, contudo, ter esclarecido ao leitor que o fato de em francês ou em árabe ser possível a eliminação pura e simples de pretensos monemas de “singular”, “presente” e outros, não faz com que em qualquer outra língua as coisas sejam assim. Nada impede que exista uma língua na qual esses monemas tenham direito de cidadania por corresponderem, de fato, a escolhas específicas por parte do falante; o mesmo deve-se dizer com respeito ao gênero que, segundo Martinet, o nosso autor distingue muito bem do monema de sexo, este sim objeto de escolha específica por parte do usuário (tanto em francês como em árabe): pode ser que em alguma língua, de fato existente, possua um autêntico monema de gênero. Achamos que isto deveria ser dito, na gramática em análise, para esclarecimento do leitor, especialmente se for estudante.

8. Lamentando mais uma vez o nosso desconhecimento do árabe, já que o seu conhecimento teria-nos permitido, não somente tecer comentários sobre a própria análise a que Nadjar Bahamani submete a sua língua, mas, sobretudo, usufruir de forma mais completa das tão oportunas e acertadas aplicações que aqui se fazem do funcionalismo martiniano à maravilhosa língua do Alcorão, não podemos deixar de afirmar, como conclusão, que este volumoso, porém, preciso e transparente texto constitui mais uma prova de *simplicidade, exaustividade e coerência* com que se pode aplicar o modelo funcionalista à descrição das mais variadas línguas do mundo. Resta-nos, pois, esperar que este exemplo seja seguido na descrição científica de outros idiomas do planeta, para benefício, sobretudo, dos que desejam aprender essas línguas de um *modo objetivo e realista*.